

CORPOGRAFIAS DA CIDADE ATRAVÉS DA DANÇA: o uso da rua pelo...AVOA! Núcleo Artístico

DÉBORA SOUTO ALLEMAND¹; EDUARDO ROCHA²

¹Universidade Federal de Pelotas – deborallemand@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da dissertação de mestrado da autora, apresentada em abril de 2016 ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa volta-se para o estudo das intervenções urbanas, buscando encontrar relações entre cidade e dança, a partir do projeto “Entre-espacos” do ...AVOA! Núcleo Artístico¹, na Rua São Bento, centro da cidade de São Paulo/SP.

A revisão teórica do trabalho passa por conceitos de ritornelo, território, corpografia urbana, corpo-espaco, intervenções urbanas, dança contemporânea, cidade, espaço e contemporaneidade, buscando relacionar movimentos da sociedade moderna e pós-moderna para compreender os processos de subjetivação contemporâneos. Os principais autores que conosco dançam neste caminho são: Paola Jacques, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Milton Santos, David Harvey, Virgínia Kastrup, Suely Rolnik e Nelson Peixoto.

As intervenções urbanas buscam transformar o ambiente e têm função pública e política. Diluem as fronteiras entre as linguagens da arte, entre artista e espectador e, entre espaço cênico e espaço da plateia. A arte desterritorializa² os que a experimentam, modifica valores da sociedade e potencializa uma nova forma de enxergar um “mesmo” espaço. Além disso, a cidade é lugar de múltiplos estímulos e, por isto, de grande potência para a criação artística, abrindo possibilidades de diferentes sensações e movimentos e produzindo diferentes formas de pensar com a dança.

2. METODOLOGIA

A pesquisa seguiu a metodo(i)logia da cartografia, que buscou experimentar o processo, permitindo que o próprio percurso definisse o caminho (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009). Não se pretendeu validar ou reprovar determinada situação e sim, dar vez e voz às micropolíticas³ da cidade, atentando para o que pedia passagem e devorando tudo aquilo que fazia pensar sobre a rua em relação à dança. Foram utilizados como instrumentos metodológicos: revisão bibliográfica, entrevistas com os integrantes do ...AVOA! Núcleo Artístico, corpografia urbana⁴ e análise de fotos e vídeos do grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto atual do ...AVOA! – Entre-espacos: relações possíveis no encontro com a rua - estuda as relações entre a dança e a rua, através de

¹ ...AVOA! Núcleo Artístico é um grupo que realiza intervenções urbanas no centro de São Paulo-SP e busca fazer movimentos que tenham significado a partir do espaço em que está inserido. Para saber mais, acesse: <http://www.nucleoavoa.com/>.

² Para Deleuze e Guattari (1997), desterritorializar significa lançar-se para fora de um território, daquilo que é familiar, em busca de outro lugar, outros territórios.

³ Micropolítica é a política feita pelas minorias em relação às categorias hegemônicas, que nem sempre são em menor número de pessoas.

⁴ O conceito de “corpografia urbana” (JACQUES, 2008) é trazido para o trabalho para compreender os mapas que são traçados, inscritos no corpo do cartógrafo, que se coloca em interação e troca com o espaço urbano.

pesquisas relacionadas à Rua São Bento, com auxílio do 16º Programa Municipal de Fomento à Dança para a Cidade de São Paulo. A forma como o grupo trabalha na rua procura modificar produzindo diferença a partir do interior, não de fora para dentro, de forma delicada, não rompendo totalmente, mas transformando de forma micro, compreendendo como é a estrutura do sistema e fazendo vaziar, criando fissuras no sistema e dando-lhe novas formas e possibilidades de potência criadora, coexistindo com as outras atividades do local.

Esta *performance* se dá em movimento pela Rua São Bento indo de uma ponta a outra, iniciando no Largo São Francisco, atravessando toda a rua com ações em alguns pontos específicos e finalizando antes do Largo São Bento. Por isso, a próxima parte do trabalho divide-se em oito partes, dissertando sobre cada ponto de parada do ...AVOA! na São Bento. As estações seguintes nos ajudam a compreender a cidade a partir do movimento do corpo no espaço:

1- Territorialização: localizado no Largo São Francisco. É onde o grupo inicia o trabalho corporal, com um momento de concentração e aquecimento, conectando-se com os colegas e com o entorno, um “entrar já estando na rua”. Discute-se neste tópico sobre a relação de ritornelo⁵ dos corpos nos espaços urbanos. Além da não-separação do momento da cena com o momento do ensaio: “O ensaio é a ação”.

2- Micro-Resistências: Esta ação surgiu de observações e de fotografias dos integrantes na Rua São Bento. Esta metodologia de (des)coberta do micro serviu como um disparador para o grupo pensar as relações da rua e surgiu como uma metáfora da natureza na cidade. Discutem-se aqui as transformações naturais que acontecem na cidade, modificando, consequentemente, os corpos e os movimentos dos cidadãos, assim como sugere Paola Jacques (2008) no conceito de “corpografias urbanas”. Em suas intervenções os bailarinos instauram-se em vãos, em um trabalho pensado para surpreender quem vê, pois muitas vezes os artistas passam despercebidos na velocidade da cidade contemporânea. O ...AVOA! inventa novas formas de viver e ocupar a cidade e transforma vagarosamente produzindo o território como um lugar familiar para os que por ali transitam.

3- Redemoinho: Na esquina da Praça do Patriarca, o ...AVOA! estudou os diferentes trajetos dos transeuntes da Rua São Bento. Discutindo os encontros e desencontros e as diferentes (multipli)cidades São Paulo, que se encontram e se transformam. As várias “São Paulos” se confundem nos corpos de seus habitantes e os heterogêneos se cruzam, no centro, lugar de convergência, de redemoinho. Tudo isso acontecendo e a maioria das pessoas não enxergando, os corpos-máquina não são sensibilizados, não se emocionam, nem sentem.

4- Som-espacô, corpo-espacô: Mais adiante, o som da sanfona entra em jogo e vai criando o espaço cênico também. O grupo busca dialogar de alguma maneira com as pessoas que passam na Rua São Bento no momento da ação, fazendo com que elas possam se tornar espectadores ativos (RANCIÈRE, 2005). Neste ponto, pensa-se que o artista tem que ter o cuidado para não afastar as pessoas e, para isso, é importante não criar uma barreira que rompa com o seu cotidiano, mas criar uma linha de fuga a partir daquilo que elas estão

⁵ Ritornelo é um conceito criado por Deleuze e Guatarri (1997), que parte do princípio da tríade territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

acostumadas. Para isso, o ...AVOA! transforma o gesto de cumprimento do Rui⁶ em dança, uma das formas que os artistas encontraram de se aproximar das pessoas que estão ali na São Bento todos os dias. Além disso, esses gestos que compõem a cidade ficam inscritos nos corpos dos integrantes do AVOA! e passam a formar aqueles corpos também, que se desterritorializam e se reterritorializam a partir do movimento, da cultura, dos espaços e da sociedade com que trocam, o corpo torna-se corpo-espacão, em eterno vir a ser.

5- Caminhada Lenta e Pausa: Neste ponto da Rua São Bento, o grupo fica em pausa e inicia uma “caminhada lenta”. Para o grupo, a lentidão é uma tática para apreender a cidade contemporânea e, ao mesmo tempo, uma maneira de resistir à racionalidade, “dilatando” o tempo daquele espaço, que é uma rua de muitos fluxos. Então, percebe-se que a lentidão do ...AVOA! é uma alternativa anticapitalista para a produção da cidade, pois se encontra fora do tempo do trabalho, o qual o capitalismo tanto reivindica e reproduz na cidade, a partir do escoamento dos excedentes da produção, através das vias expressas, do trem bala e dos meios de transporte cada vez mais velozes. A lentidão é também uma luta pelo direito à cidade (HARVEY, 2014), pelo simples direito de estar na cidade, coexistindo naquele território central que reúne e comporta diversas atividades. Lutam pela diferença no modo e na velocidade de movimentar-se na Rua São Bento, através de ações simples, que modificam a dinâmica do lugar. Diferenças e dissensos que produzem a cidade enquanto polis (RANCIÈRE, 2005). Assim, a tensão gerada pelo convívio entre os diferentes é capaz de transformar as cidades e, consequentemente, as sociedades, a partir de negociações entre os seres humanos e as ruas, entre as culturas e os espaços.

6- Relação com os vendedores informais: A Rua São Bento é, também, um lugar de muitas sonoridades, principalmente em função dos vendedores que passam o dia inteiro anunciando seus produtos. Muitos deles fazem sons para vender produtos, como o “Seu Edson” que vende “Natura e Avon” e, para o ...AVOA!, eles também compõem o trabalho do grupo. Esses vendedores informais desestabilizam a realidade veloz da metrópole, pois passam o dia em contato com ela, uma experiência de relação do corpo com a cidade e com seus cidadãos. Resistem. Inventam suas próprias realidades, diferentes da representação da cidade-museu.

7- Grades: A última parada do grupo é nas grades da São Bento, elementos que fomentam as relações entre dentro e fora e causam estranhamento em quem vê: outro tipo de relação possível na cidade. É, também, um movimento de questionamento sobre o que pode nas sociedades de controle (FOUCAULT, 1988). As próprias pessoas que passam controlam os corpos dos bailarinos do ...AVOA! com o olhar, pois estes desestabilizam a homogeneidade da cidade contemporânea, habitando o entre, o espaço que não foi definido pelas sociedades de controle. O ...AVOA!, aqui, não submete-se aos processos do capitalismo e subverte o espaço da cidade, estabelecendo uma nova realidade, uma nova forma de ocupar a rua. Esse é o momento em que as pessoas mais param para olhar a ação do grupo, é como se fosse criado um palco naquele lugar, um elemento vertical que é delimitado, e onde não é comum ver nenhum tipo de movimento corporal.

⁶ Vendedor de Sabão na Rua São Bento.

8- Outros Territórios: O que mais possibilitou que as potências do trabalho fossem reveladas foi quando o grupo realizou uma intervenção fora do local de estudo. Eles apresentaram o trabalho no SESC Ipiranga, num casarão reformado. As duas ações principais que eles trabalharam - as micro-resistências e a lentidão -, acabaram não funcionando da mesma forma que acontecia na rua, pois as vegetações que surgem nos vãos na rua, por exemplo, são muito diferentes das de um local fechado. E a relação de “tensionamento” do tempo, trabalhado na Rua São Bento, um local de grande fluxo de pessoas, não foi possível de perceber com a mesma facilidade porque o SESC Ipiranga é um lugar muito mais calmo que a rua em questão. Com isto, o território da Rua São Bento, quando comparado a outros lugares com características diferentes, fez o grupo refletir mais ainda sobre as qualidades da rua que estudam.

4. CONCLUSÕES

A partir da lente do ...AVOA! Núcleo Artístico, a pesquisa conclui que a cidade pode passar a ser vista também a partir das pessoas que a habitam, porque os principais motivadores de criação para o ...AVOA! foram o ritmo e o movimento das pessoas do local, bem como os sons produzidos por elas.

As paradas também nos mostraram que existe um controle do corpo dos bailarinos pelos próprios cidadãos. Controle este que é fruto de um processo das sociedades de controle, onde todos estão sendo controlados a todo o momento. O corpo é tão menosprezado, que um movimento incomum na rua gera incômodo, resistência. Os artistas tencionam essa linha de normalidade e os padrões de civilidade no espaço urbano. Nesta análise, foi visível também o tempo veloz da cidade contemporânea, já que a lentidão chocou os cidadãos. Compreendeu-se o tempo da urbe durante o movimento de oposição, percebendo-se que ainda existem os contrastes, os que contemplam a cidade, os que resistem ao tempo da produção e que experimentam a rua, a observam e, com ela, dançam.

A arte de rua é, desta maneira, um potente dispositivo de transformação dos corpos, um dispositivo de fazer sentir e, com isso, uma possibilidade de escape, uma válvula que se abre de dentro do próprio sistema espetacular. Arte como forma de resistência ao que nos é imposto pelo capital e, por isso, arte como forma de fazer política na polis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ...AVOA! Núcleo Artístico.** Disponível em: <http://www.nucleoavoa.com/>. Acessado em: 21/jul/2016.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*.** V.4. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*.** Trad. Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*.** Trad. Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias urbanas*.** 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 18/jul/16.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade*.** Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*.** São Paulo: EXO experimental org./ Editora 34, 2005.